Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



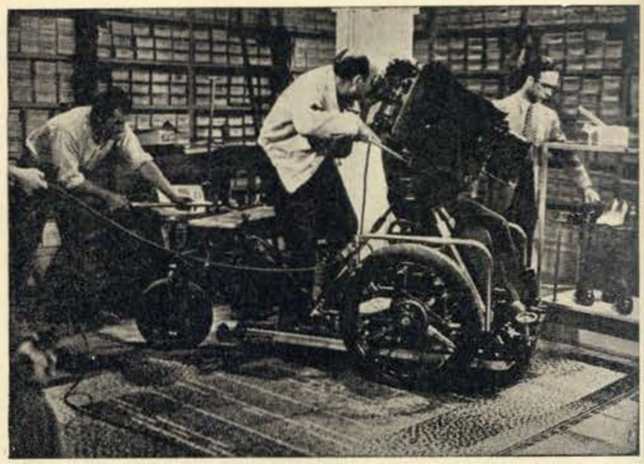
Este chapéu e estas barbas têm um significado especial, que fará rir o leitor, com «O PAI TIRANO», a partir de 6.ª feira, no EDEN

2.ª SÉRIE — N.º 45 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 15 DE SETEMBRO DE 1941 — PREÇO: 1$50

Recordações das filmagens de «O PAI TIRANO»



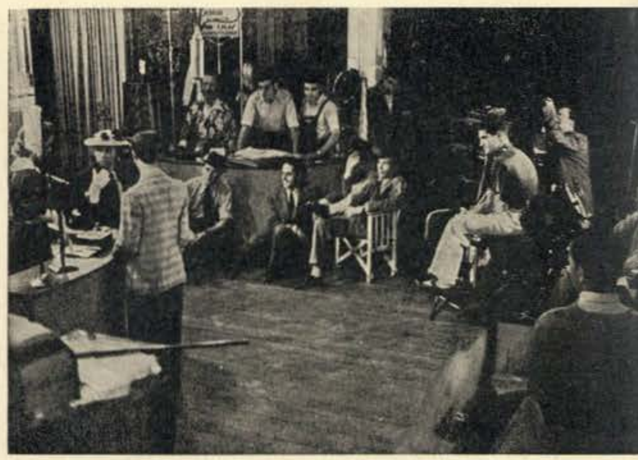
No Alto de Santa Catarina, entre reflectores e colaboradores, António Lopes Ribeiro dirige uma das cenas principais: a declaração de amor do Chico à Tatão



César de Sá, o operador de «O Pai Tirano» e chefe dos Serviços Técnicos da Prod. A. L. R. filma um «travelling» no cenário da sapataria, com Ribeirinho... e dois pares de sapatos



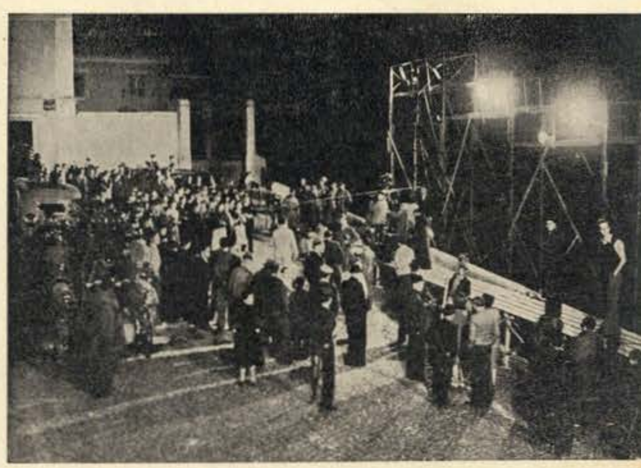
Nem de propósito! A objectiva de João Martins surpreendeu Lopes Ribeiro e os seus colaboradores quando filmavam na «Secção de Fitas» dos Grandes Armazéns Grandela, onde decorre parte da acção



António Lopes Ribeiro é conhecido pelas posições imprevistas em que consegue colocar as pernas. Êste instantâneo, obtido em pleno Grandela, mostra-o numa das suas «poses» predilectas



Um domingo na Rua Nova do Carmo, rodeados pela curiosidade simpática dos transeuntes, Ribeirinho e Leonor Maia preparam-se para interpretar uma cena à porta da Perfumaria da Moda



A última filmagem de «O Pai Tirano». As viaturas da Polícia, dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses e de Sacavém, acorrem a um falso alarme no Teatro dos Grandelinhas

2.ª série / N.º 45 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

15 de Setembro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

O cinema português em marcha

«A República dos Pardais»

será a quarta produção de António Lopes Ribeiro, a filmar em 1942, depois de «O Pátio das Cantigas» e «A Mantilha de Beatriz»

Estamos em presença de realidades, não de sonhos ou de vãs promessas inspiradas apenas em boa vontade. A Produção António Lopes Ribeiro deu à cinematografia nacional o que lhe faltava: uma organização; deu aos profissionais o que êles mais ambicionavam: continuïdade, e vai oferecer ao público o que êle mais deseja: filmes nacionais, estrictamente nacionais.

«O Pai Tirano» — sabe-o Lisboa, sabe-o todo o país — estreia-se esta semana.

«O Pátio das Cantigas», o segundo filme a produzir, vai entrar no estúdio, dentro de poucos dias. «Animatógrafo» já publicou pormenores.

«A Mantilha de Beatriz» também já entrou em estudo. Os trabalhos de gabinete vão adiantados. No número transacto, referimo-nos também a esta produção.

Pois hoje, podemos — e devemos até fazê-lo, visto a notícia já ter sido dada, oficialmente, a Coimbra — podemos e devemos noticiar que o quarto filme da Prod. A. L. R. é «A República dos Pardais».

Êste filme, um velho sonho de António Lopes Ribeiro, foca o conflito entre a Coimbra universitária tradicional e a Coimbra progressiva.

O projecto entrou já na fase de preparação. Em Outubro, António Lopes Ribeiro irá à cidade académica dispôr tudo para a realização do filme.

Não queremos, já hoje, indicar pormenores ou citar nomes. Aguardamos a lista completa da distribuïção — e aguardamos, até, que se adiantem os trabalhos de «O Pátio das Cantigas» e de «A Mantilha de Beatriz». Nada de pressas, leitor: decerto lhe basta a agradável notícia que hoje lhe damos de que a Produção A. L. R. não pára, de facto, e já tem um quarto filme em projecto.

A Coimbra de ontem, a de hoje e até a de àmanhã vai reviver na tela. É o que importa saber por agora.

«O Pátio das Cantigas»

O cinema português não pára. Conseqüentemente, o estúdio do Lumiar, que sofria de intervalos e interrupções, por vezes longos, entre dois filmes, mantém-se agora em constante actividade.

Uma era nova surgiu, em verdade, no cinema nacional.

No estúdio da Tobis montam-se os cenários para o segundo filme da Prod. A. L. R.

Dentro de pouco tempo, os técnicos e os artistas voltarão a fechar-se no vasto pavilhão de filmagem, do Lumiar; voltarão a suportar a luz e o calor dos projectores, principiarão a rodar as cenas de «O Pátio das Cantigas».

Francisco Ribeiro (Ribeirinho) vai receber o seu baptismo como realizador.

Todavia, êle é também um dos intérpretes do filme, ao lado de António Silva, Vasco Santana, Maria das Neves — que, pela primeira vez, trabalha em cinema — Graça Maria, António Vilar, Carlos Otero, Armando Machado, Carlos Alves, Henrique de Albuquerque, Pereira Saraiva, Reginaldo Duarte e outros actores.

O grande cenário exterior é constituído por um pitoresco e característico pátio de Lisboa. Dentro dêsse cenário, cuja construção já se encontra bastante adiantada, desenrolar-se-ão algumas das principais cenas de «O Pátio das Cantigas». Um dos *clous* do filme é um arraial durante a quadra dos santos populares.

Os diálogos que já estão concluídos sofrem agora a decomposição cinematográfica indispensável para a sua filmagem.

ROBERT MONTGOMERY



Como os leitores sabem, o simpático artista foi, recentemente, nomeado assistente do adido naval da embaixada americana em Londres. Aqui o temos, uniformizado, sem ser para trabalhar em filmes. A sua última produção, «Rage in Heaven», foi apresentada há pouco tempo na capital britânica

«OPERETA»

UMA NOTABILÍSSIMA SUPER-PRODUÇÃO REALIZADA POR WILLY FORST

Willy Forst, o artista-«régisseur», resolveu brindar o público português, com mais uma bela super-produção, o filme «Opereta», cujo entrecho decorre no ano de 1869. Ei-lo:

Num pequeno teatro da cidade de Krems, na Áustria, deliciosamente banhada pelas transparentes águas do romântico Danúbio, trabalha um simples e desconhecido actor, Franz Jauner. Com a cabeça cheia de planos, um bom número de dívidas e uma fé inabalável na sua boa estrêla, anda tão ocupado com os seus fantasiosos projectos, que nem sequer se apercebe do grande amor que lhe dedica a jovem Emmi Krall, sua camarada de teatro. Ela também sonha com futuros louros, e, o seu maior desejo é vir a ser um dia uma célebre cantora de operetas.

Uma vez, um simples e singular acaso, marca a hora decisiva na vida de Franz Jauner; o Príncipe Hohenburg dá uma grande festa no seu castelo e quere reservar uma agradável surprêsa aos seus convidados: Maria Geistinger, a festejada directora do «Teatro de Viena», conhecida como a «Raínha da Opereta» vienense, deve cantar nessa festa uma das suas mais populares canções. Falta porém quem a acompanhe e não há outro caminho a seguir senão o de recorrer ao teatro da pequena cidade de Krems. Franz Jauner é indigitado para tal missão. Com o seu ar cortês e modesto, sem qualquer afectação de maneiras, demonstrando pelo seu porte uma personalidade que atraí pela sinceridade e naturalidade, toma lugar ao piano. A célebre Geistinger canta e os convidados ficam embevecidos com a sua voz de ouro.

No fim do recital, pregunta a célebre artista, com um ar indulgente, ao Jauner, se tinha gostado. «Não me agradou absolutamente nada», foi o cumprimento que ela, perplexa, recebeu do jovem actor que, não contente com a sua resposta, acaba por cantar a canção tal como imaginara, com grande indignação de todos os convidados, retirando-se seguidamente, com o seu ar cortês e modesto, porém sem afectação de maneiras... tal como entrou.

Tempos passam após êste episódio, aparentemente banal, mas que grande influência viria a exercer na vida de Jauner. Um dia, talvez dos menos optimistas, recebe Jauner uma carta do «Teatro de Viena», contratando-o como encenador; louco de alegria, como que vendo já realizados os seus ardentes sonhos, sem sequer reparar nas sentidas lágrimas que por êle verte a pobre Emmi Krall, parte para Viena. Grande foi, porém, a sua admiração ao encontrar no Teatro de Viena,



Lembram-se dêle? Willy Forst, o actor distintíssimo, foi também o realizador de «Mascarada» e de «Sinfonia incompleta»

Maria Geistinger, como directora. Fôra então ela quem lhe tinha enviado o contracto?! Muito bem...

É no próprio dia da sua chegada que se iniciam os ensaios para a apresentação, a primeira em público, da célebre opereta de Johann Strauss, a «Fledermaus»; Jauner entrega-se de corpo e alma ao trabalho, sem se perturbar pela presença fascinadora de Geistinger. Johann Strauss sorri-se, irónico, dêsse seu trabalho, enquanto que Carl Millöcker, um jovem e desconhecido regente de orquestra, pelo contrário, o admira sinceramente. Por sua vez, Alexander Girardi, igualmente no começo da sua gloriosa carreira, escuta atenciosamente tôdas as suas instruções.

A ascenção rápida de Jauner fere porém o amor próprio de Geistinger que, apesar da paixão que por êle tem, o despede num momento de inexplicável revolta. A «première» da opereta «Fledermaus», sem a presença de Jauner, transforma-se num malôgro retumbante.

Entretanto, na «Gruta do Tigre», um dos mais conhecidos locais de diversões de Viena, freqüentado de preferência por artistas, a Geistinger, que se reúne com os seus camaradas de teatro para passar algumas horas agradáveis, tem uma surprêsa: assiste, inesperadamente, a um espectáculo improvisado por Jauner e, tão bem se houve êle que o próprio Franz Von Suppé, mestre em gastronomia, se esquece de comer os seus «spaghettis», tanto da sua predilecção.

Tal êxito é conhecido dentro em breve por tôda a Viena artística e, como recompensa do seu incontestável talento, é oferecido a Jauneur o cargo de encenador do «Teatro Carlos» que entra, desde então, em franca concorrência com o «Teatro de Viena».

De triunfo em triunfo com as suas operetas, Jauner passa a director do mesmo teatro, e, dentro em pouco, é conhecido pelo título de «Rei das Operetas». Com o fim de esquecer o seu malôgro demite-se então Maria Geistinger do seu cargo de directora do «Teatro de Viena», para se dedicar sòmente à arte dramática, percorrendo com grande êxito, em longa «tournée», todo o país.

Entrementes, a linda Emmi Krall consegue ver realizados os seus sonhos; vamos encontrá-la, como primeira cantora, no Teatro da Ópera de Desden, conseguindo daí um vantajoso contrato na «Ópera do Paço», em Viena. Aqui a vai encontrar Jauner, não como a sua modesta companheira de Krems, mas sim, uma linda mulher no cume de uma gloriosa carreira artística. Jauner corresponde finalmente ao seu amor e acaba por fazer uma proposta de casamento, logo aceita com júbilo por Emi que, louca de amor, se declara pronta a sacrificar-lhe a sua própria carreira...

Anos depois, rebenta em Viena, como uma bomba, a nomeação de Franz Jauner para director da Ópera, feita pelo Imperador.

E no estúdio do pintor Makart encontra Jauner novamente Maria Geistinger. O destino quis que êles passassem alguns momentos juntos numa propriedade do conde de Esterhazy, onde, durante uma elegante e romântica festa, declaram finalmente o seu amor. Ainda sob o inebriante efeito dêsse dôce momento, dirige-se Franz Jauner a Viena, desliga-se do seu cargo de director da Ópera, compra precipitadamente o «Ring-Theater» e pensa ver nele realizado o seu sonho de tantos anos: entusiasmar Viena com a mulher que ama. De regresso recebe porém a triste notícia da partida de Maria Geistinger; ela não quere, com o seu amor, provocar aderrocada do lar construído por Jauner e Emi. Grande foi o desgôsto que essa decisão trouxe a Jauner e, daí em diante, a vida torna-se-lhe um martírio, tudo lhe aborrece, tudo lhe é indiferente. Para maior desventura, inculpado de responsável pelo incêndio que acaba de destruir o «Ring Theaters», é prêso.

De passagem por Viena, ouve Geistinger falar do infortúnio de Jauner, que nessa ocasião acaba de cumprir a pena, e, sem hesitar um só momento, corre à casa de Emi Krall. As duas mulheres, as duas rivais, sentem-se então na mútua necessidade de ajudar Jauner. Maria Geistinger compra o «Teatro An der Wien» e Jauner toma a direcção do mesmo, sob um pseudónimo. A «première» do «Estudante Pobre», com que o teatro abre as suas portas, de princípio friamente recebida, torna-se com a actuação da mágica voz de Geistinger num dos maiores êxitos de Viena; Jauner volta a ser o preferido dos vienenses. Mais tarde, com o juramento de ficar fiel à opereta, despede-se de Maria Geistinger que se encontra extremamente doente, para ir receber os aplausos do público...

Fiel ao amor de tôda a sua vida, Emmi Krall espera lá fora pelo seu marido...

PANORÂMICA

UM ACÔRDO LUSO-BRASILEIRO

Segundo informações já vindas a lume na Imprensa diária, foi concluído, no Rio de Janeiro, um acôrdo luso-brasileiro que se reveste de grande importância e interêsse para as duas nações amigas.

Êsse acôrdo, cultural, concluído entre Lourival Fontes, director do Departamento de Imprensa e Propaganda do Brasil, e António Ferro, director do Secretariado de Propaganda Nacional de Portugal, obriga à criação no Departamento de Imprensa e Propaganda duma secção portuguesa, e no Secretariado de Propaganda Nacional duma secção brasileira e tem por fim promover o intercâmbio de artigos de jornalistas brasileiros e portugueses; enviar conferentes, escritores e jornalistas; manter uma permuta radiofónica; divulgar o livro brasileiro e português; fomentar o intercâmbio de artistas e — trocar actualidades cinematográficas.

O mesmo acôrdo — cuja importância não é preciso enaltecer — prevê ainda a realização de filmes de longa metragem, principalmente históricos, e a instituição de vários prémios anuais.

Os serviços previstos estarão organizados até ao fim do ano corrente.

Portugal e Brasil, sempre tão próximos, acabam de anular, pràticamente, a distância que os separa no Atlântico.

WALTHER RUTTMANN

Faleceu na Alemanha, com 53 anos, o conhecido cineasta Walther Ruttmann, que era também um distinto técnico da «rádio». O seu principal filme, que lhe deu renome, «Sinfonia duma capital», embora feito em 1924, ainda hoje não envelheceu e constitui uma das mais importantes relíquias do cinema clássico.

Ruttmann conseguiu impôr-se, criando escola — simultâneamente escola de tomada de vistas e escola de montagem. Não só os profissionais, de todo o mundo mas também os amadores tinham por êle grande e justificada admiração. «Sinfonia duma capital» era uma grande e útil lição de cinema. Com êsse filme e, sobretudo com os documentários de Stuttgart e de Francfort ensinou a maneira de serem tratadas em cinema as vistas e as psicologias das grandes cidades.

Walther Ruttmann, que deixa o seu nome ligado, por forma imprescindível, à história do cinema, realizou também os documentários «Melodia do Mundo» — que se não exibiu em Portugal — «Sinfonia do Aço» e «T. S. F.».

Foi um dos principais auxiliares de Leni Riefenstahl no trabalho de montagem de «Olimpíadas».

AUTOR E INVENTOR

Warren William, o conhecido actor de cinema, não se interessa apenas pela interpretação. Enquanto muitos dos seus colegas se dedicam a artes (ainda há pouco «Animatógrafo» publicou uma página gráfica sôbre o assunto) e outros a negócios (como Eddie Cantor, que possui uma estupenda loja de antiguidades no centro de Hollywood), Warren William descobriu agora que a sua vocação é inventar coisas úteis ao próximo — e até ao afastado. E assim, meteu-se a estudar um aparelho que tivesse valor social — digamos — e interessasse directamente a higiene.

O aparelho inventado é um aspirador de lixo e destina-se, não aos penates dos seus colegas de estúdio, mas ao serviço de limpeza da municipalidade hollywoodense. As autoridades foram chamadas a dar o seu parecer sôbre o aspirador — e declararam parecer-lhe bom. Hollywood aspira a ser a cidade mais limpa do mundo (pelo menos nas ruas): o aspirador chegou na hora própria.

De modo que, o novo elemento da higiene da Cinelândia, foi aprovado oficialmente.

Como vêem, — para empregar uma frase plebeia que está em voga — «foi limpinho»...

SALÃO INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA

É em Novembro que se inaugura o «V Salão Internacional de Arte Fotográfica de Portugal», sob a alto patrocínio de S. Ex.ª o Senhor Presidente da República. O

(Continua na pág. 12)

O momento cinematográfico

A época que findou e que decorreu em pleno período de guerra deixou saüdades. Outra se avizinha e já os empresários andam desejosos de que ela se pareça com a anterior. Longe vão os tempos em que o público, o grande pagador a todo o custo, estava enfastiado. Nem os mais exagerados encómios e subterfúgios de publicidade eram bastante potentes para tirá-lo dessa apatia que é sempre mais terrível e devastadora em seus efeitos do que a oposição mais encarniçada.

Longe vai o tempo em que homens, mulheres e meninos pareciam então todos de acôrdo em que o cinema não oferecia nada de novo, nada interessante, nem ainda os preços de entrada reduzidos a uma cifra ridícula, nem a oferta de duas películas pelo preço de uma parecia dar-lhes qualquer interêsse.

Hoje em dia a média dos filmes é incontestàvelmente superior. Para cada fita que se elogia já não há vinte que se criticam acerbamente. E êsse milagre deve-se ao facto do cinema ter voltado a ser o que era dantes: o desenvolvimento de um enrêdo de drama ou de comédia por meio de acção em sua quási totalidade. O cinema acertou o passo com a época que vivemos — esta época em que a velocidade domina todos os actos do ser humano, em que a ansia da acção nos impele a estar em movimento quási contínuo. Os filmes voltaram à técnica que em princípio atraía as multidões: à técnica de acção interessante, do desenvolvimento dramático de tal forma que permita ao espectador colaborar mentalmente com os elementos produtores do filme. Assim como os «shorts shorts stories», com a sua técnica distinta e nova substituiram as novelas intermináveis de três ou mais volumes, dos tempos antigos, assim o Cinema se viu obrigado a adaptar um novo sistema de contar na tela o que tem que contar, em forma condensada e mais adequada ao espírito da vida enérgica e inquieta em que vivemos.

Durante muito tempo — quando se clamava um remédio para a continuada míngua das entradas nos cinemas — tive para mim a impressão de que o mal de que padecia o negócio de Cinema era a falta de apetite, por parte do público, por um manjar que ultrapassara a sua maturação. E não nos enganávamos. O fatal regresso a belas fórmulas, que o espectáculo novo, na sua ansia de expansão, parecia ter menosprezado, é uma coisa tão evidente como lógica. Assim, a universalidade do Cinema, que a barreira das línguas ameaçava abolir, deixou de correr irremediável risco. E nas duras condições mundiais da época presente, os nossos exibidores puderam ser brindados na lotaria da época passada com a sorte grande.

Discreteando desta arte — o que pretendemos demonstrar?

Que examinada a situação actual do cinema, haverá talvez um pouco de exagêro em supor que, dentro em breve, vai acentuar-se uma assustadora crise. «Os perigos da guerra», «as contingências da falta de transportes» — isto e aquilo são argumentos invocados a todo o momento. Pelo lado da fecundidade da produção, crêmos que o receio não tem grave fundamento. Em Hollywood, pelo menos, produz-se a valer. O ponto está em que essas fitas atravessem o Atlântico. E isso parece, também, não merecer cuidados, pois as principais firmas americanas anunciam ter recebido já grande parte do seu material para a temporada que vai iniciar-se.

Há filmes, sim, senhores! E mesmo que amanhã a sua quantidade baixasse um pouco, estamos certos que se poderia contar com a nossa indústria que já não assenta em alicerces que se fundem na areia, antes parece instalar-se e fortalecer-se à plena luz merediana.

Por tudo, parece que nos achamos perante um momento interessante e transcendental. Seria um êrro supor que o Cinema português é uma realidade artística e industrial definitiva. Mas devemos aceitar que as fitas realizadas até agora no nosso País têm um pouco da nossa alma e da nossa carne. Reconhecer, até, como vibração da raça e como vivo reflexo do nosso ambiente certos pedaços de celulóide que não nos colocam num plano cinematográfico inferior ao de qualquer outro povo.

Na bigorna de uma iniciativa está-se a forjar uma realidade candente ao rubro. Isso — é o que importa! E oxalá se deixe de entender, de uma vez para sempre, por «português» o pitoresco, o anedótico, o superficial, o falso. O «racial» de qualquer povo há que buscá-lo no fundo do seu espírito, não na superfície. Na gesta e não não gesto...

AUGUSTO FRAGA

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS COM PORTUGAL

A Cacilhas, ao luar

Nestes princípios de Setembro tem havido um *Luar de Agôsto* que torna irrestível o apetite de passear à noite, passear pela paìsagem, pelos jardins e até pelas ruas enluaradas, passear poèticamente, com o espírito, com a imaginação, a divagar por românticas e novelescas memórias de mocidade, ou por fantasias e sonhos de futuro, sem premeditação nem destino marcado, sem intenções intermediárias entre nós e a noite de luar.

Foi assim que uma destas noites, sem querer nem deixar de querer ,me encontrei no cais do Sodré, e comprei um bilhete para ir no *paquete* de Cacilhas e fui ver o luar no rio e sôbre a cidade, no rio, correndo, saltitando pelas águas, em reflexos fugidios, sôbre a cidade, como um ninho prateado e luminoso que da terra ascendesse.

Entretanto, nem só o luar chamava a minha atenção.

Ia no barco, lá em cima, na tolda, sentado numa cadeira de verga, e via os cargueiros, que dali saìriam para a hipótese trágica do torpedo e da bomba de avião, para as eventualidades da tormenta que vai por êsse mundo e que acorre sem rumo previsível, pelos mares sem fim. E pareciam-me tão serenos, tão calmos, tão seguros dos seus destinos, os cargueiros, ao luar como eu, que tinha um bilhete de ida e volta, sem naufrágio possível por uma noite tão linda...

Via também os navios de guerra, quietíssimos, como se tivessem adormecido, na consciência da sua fôrça.

Na outra banda, para cima e para além das luzes do Ginjal, desenham-se perfis de montes que o castelo de Almada corta, à proximidade, com a rigidez das suas linhas rectas.

Vou esquecendo o luar, o meu passeio, a noite, para me lembrar do que vai ser o despertar, ao romper da manhã, no rio e nas suas margens, a vida febril e violenta e forte que encherá de ruídos, e de imagens o ambiente do pôrto.

Penso nas obscuras existências dos homens do mar, de que o jornal só traz os nomes em notícias de naufrágios, com os retratos separados dos que morreram e o grupo dos que se salvaram.

E considero que nesse rio e nessas imagens devem estar, espontânea e cotidianamente, os entrechos, os cenários e as figuras de quantos filmes queiram encontrar os realizadores de cinema sério e observador.

Prometo a mim próprio, à minha curiosidade, uma série de digressões pelos bairros ribeirinhos, do Poço do Bispo a Belém, e pelas praias da linha de Cascais, e pela Outra Banda.

Que variedade de aspectos, de personagens, de comédias e dramas, não haverá para estudar e sentir?!

Será um pequeno mundo para ver, mas como uma viagem para muitos dias.

Entretanto, recordo que passei a tarde no cinema.

Estava o sol ardente, fazia um calor abafado e o vasto salão, com ventoinhas, era fresco e como se fôsse noite.

À entrada, a surpresa do contraste põe-nos a evitar entre o tomar o logar e a volta para a rua, mas logo começa a saber bem aquela frescura, e a fita é graciosa, à primeira vista, e o público ri, aliciante.

Com a tarde no cinema, poucas horas de sol teve êste dia e ainda que isto desoriente um pouco, parece-me que será agradável passar assim o verão, com tôdas as tardes no cinema e ao luar de Agôsto tôdas as noites...

Mas tanto nos tenta o luar que até o queríamos ver no filme que corresse, à tarde, no cinema, filme de vida ao luar, na doçura da noite encantada.

Um apito, agudo e suave, diz-me que já estamos a chegar, de volta, ao Cais do Sodré!

Lá está ao fundo o café, iluminado e ruìdoso, cheio de gente animada, que fala línguas estranhas, que sai em grupos alegres, que desaparece nas ruas, para ir dormir e sonhar.

O luar quási se não vê, e ocorre-nos que não nos lembramos de o termos visto no cinema. E uma pregunta nos surge, perturbante, inquietadora:

Não será o luar fotogénico?!

Nem o lindo luar de Agôsto?! ACÁCIO LEITÃO

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

1 — Jascha Heifetz, violinista célebre, protagonista da *Mocidade Triunfante*, é casado com uma estrêla doutros tempos. Qual delas:

— Irene Richter?
— Esther Ralston?
— Florence Vidor?
— Gloria Swanson?
— Clara Bow?

2 — *Jugiro*, que se exibiu nos derradeiros tempos do mudo, e cujo interêsse residia no seu exotismo foi realizado em que país?

— Na Checo-Eslováquia?
— Na China?
— Na Rússia?
— No Japão?
— Na Finlândia?

4 — Entre os artistas que citamos abaixo, houve um que esteve durante muitos anos, em Portugal, empregado na agência duma companhia americana de petróleos. Sabem dizer qual foi?

— Edward Everett Horton?
— Paul Porcasi?
— Nat Pendletton?
— José Calleia?
— Allan Mowbray?

NA ÚLTIMA NOITE DE FILMAGEM





Conforme «Animatógrafo» já informou, a última filmagem de «O PAI TIRANO» efectuou-se durante uma noite e estendeu-se até às 7 horas da manhã. Arthur Duarte, que tem como companheiro inseparável a sua máquina fotográfica, não perdeu a ocasião de durante todo o trabalho fixar em alguns instantâneos momentos únicos de uma existência. Assim, quando há muito já haviam soado as quatro da madrugada, surpreendeu alguns dos intérpretes de «O PAI TIRANO» a contas com Morfeu. O primeiro a passar pelas brasas foi Barroso Lopes, que, apesar do monóculo e do bigode, não consegue manter-se tão irreconhecível que nós o não descobrissemos. Vasco Santana, ao ver a fotografia que lhe haviam tirado, escreveu a seguinte legenda: «Morreu o Pai Tirano? Não! Adormeceu o Pai Tirano e por sinal adormeceu honestamente no regaço de sua espôsa... a Mirita!»

A carroça de mão fantasma

por A. DE CARVALHO NUNES

O público precisa de ser elucidado. E, se possível fôsse, orientado. Está nisso, em grande escala, o prestígio do espectáculo cinematográfico.

Nesse sentido, cá por casa faz-se o que se pode. Mas é desolador vermos-nos, a maior parte das vezes, tão desacompanhados.

Reclamos esfusiantes, desproporcionados e, afinal, pouco elucidativos; programas lacónicos, herméticos; e, sobretudo, críticas «descritivas» adjectivadas, vazias e desleixadas — tudo concorre para que o cinéfilo se encontre, quási sempre, perante um programa-mistério.

Vai à sorte, por sua conta e risco, um risco que não conseguiu evitar.

Julgamos que o remédio estará em estabelecer um cordão sanitário que não deixe passar «para cá» os micróbios que corroem lentamente o corpo, outrora robusto, do teatro nacional.

Que se faça destrinça entre um filme de Duvivier e uma revista do ano, e se guarde para esta a adjectivação farfalhuda e ôca, da praxe.

No fundo, trata-se dum caso de consciência que excede, em muito, o campo da actividade cinematográfica.

Do guarda-nocturno ao crítico, o mesmo dilema se apresenta claro, insofismável: ou cada qual serve conscienciosamente o lugar que ocupa, dedicando-lhe todo o esfôrço, mobilizando para tal as qualidades de que puder dispor — ou constituiremos um organismo social anémico, flácido, de meias-tintas, aglomerado de pequenas cobardias e grandes desmazelos.

E, nos tempos que correm, quem não souber querer arris-

ver tempo e espaço acabará nos outros.

*

Muito a propósito destas considerações vem o acolhimento que teve entre nós «A Carroça Fantasma». Obra-prima? Obra com defeitos, mas merecedora de ser apreciada pela audácia do empreendimento e pela elevação do tema? Endereçamos o leitor para a secção respectiva.

Nós só queremos fazer eco aos reparos que «Animatógrafo» entende que deve formular.

Assim, diremos hoje, aqui:

Leão Penedo, a despeito doutros trabalhos seus, encontrou já nestas colunas palavras de simpatia. Por isso nos sentimos à vontade para apontar a sem-cerimónia com que reduziu «A Carroça Fantasma» de Selma Lagerlöf, às proporções duma carroça de mão, na sua versão portuguesa — editada de forma a fazer crer ao público que se trata de uma tradução da obra famosa da grande escritora escandinava.

Não desejamos discutir o caso literário de se arrumar o «Dom Quixote» num folheto de cordel, a que preside generosamente o nome de Cervantes. No ponto de vista em que nos colocámos, importa, sim, que o cinéfilo não forme uma opinião mal ajustada ao valor da adaptação da obra à tela.

Quando se trata da biografia de Edison ou das aventuras do Andy Hardy compreende-se que o assunto possa esticar ou encolher como os harmónios, mas um trabalho da natureza de «A Carroça Fantasma» não sofre versões nem compressões.

jam à altura das circunstâncias. Mas a verdade é que aquelas de que tivemos conhecimento não nos deram fôrças para prosseguir...

Assim, o *Visor 41* está convencido que Selma Lagerlöf era norte-americana, como se a índole do filme acusasse, de longe, origem americana — do norte ou do sul.

Entende êle que «A Corroça Fantasma» é uma obra-prima de «gran-guinhol!», comentário que fará sair desiludidos, do Eden, os amadores do género e impedirá de lá entrar, possìvelmente, a outra parte do público à qual o filme melhor quadrava.

A figura tão curiosa e bem desenhada da Irmã Edith não era merecedora que o *Visor 41* fizesse descer os olhos para o programa, onde se pode ler que o papel é desempenhado por M i c h e l i n e Francey — e não por Marie Bel?

Não compartilha dessa opinião o sr. *F. T.*, que se deixou, comodamente, induzir em êrro pelo expediente comercial de se pôr em evidência o nome mais conhecido de Marie Bell, negando também os loiros à Francey...

Segundo êle «a história é conduzida, desde o princípio, de maneira admirável». Mas antes dissera: «...pois o público é obrigado a colocar-se numa posição falsa para analisar a obra».

Foi pena que se limitasse a definir como falsa a posição que o público é obrigado a tomar, porque ainda hoje preguntamos a nós próprios, sem atinar com a resposta, que posição será essa.

Brevemente «Animatógrafo» apresentará imagens inéditas do cinema português.

À Margem das Fitas

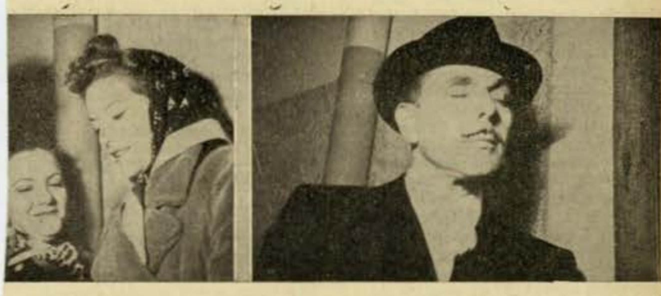
POR FARIA DA FONSECA

Orson Welles, o homem que agora conquistou um dos primeiros lugares na indústria cinematográfica pelo seu «Citizen Kane», não era um desconhecido. Notabilizara-se já pelas suas campanhas excêntricas, feitas por intermédio da T. S. F. No entanto, os seus escritos, que agora se diz serem notáveis, continuavam a merecer o desdém daqueles que lhes podiam dar a merecida expansão. De repente, com a ralização de «Citizen Kane», Orson Welles tornou-se um nome comercial, tanto bastou para disputarem as suas histórias. Notícias agora recebidas dizem-nos que Charle Chaplin acaba de adquirir um argumento da autoria de Welles, sôbre o qual fará o seu próximo filme. Daqui para o futuro Orson Welles será figura notável, sobretudo... por aquilo que fêz antes da sua fita.

Hollywood começa a ressentir-se das medidas de Roosevelt. O embargo à importação de sedas oriundas do Japão traz os *designos* apreensivos. Edward Slevenson, que desempenha êsse cargo numa das Companhias da Califórnia, foi a Nova York parlamentar com os fabricantes acêrca das possibilidades de substituir as sedas por qualquer outra matéria prima. Por êste andar, daqui a pouco tempo, as nossas estrêlas predilectas usarão apenas modestos vestidos de algodão.

Pola Negri, estrêla do *mudo*, vai experimentar o *sonoro*. Há três semanas que anda numa dobadoira, entregue aos cuidados dos técnicos de som, empenhados em lhe estudarem a voz. Hollywood comenta o caso com ironia. Pola Negri vai ressuscitar *sonora*... para calar as bôcas do Mundo!...

«O PAI TIRANO»

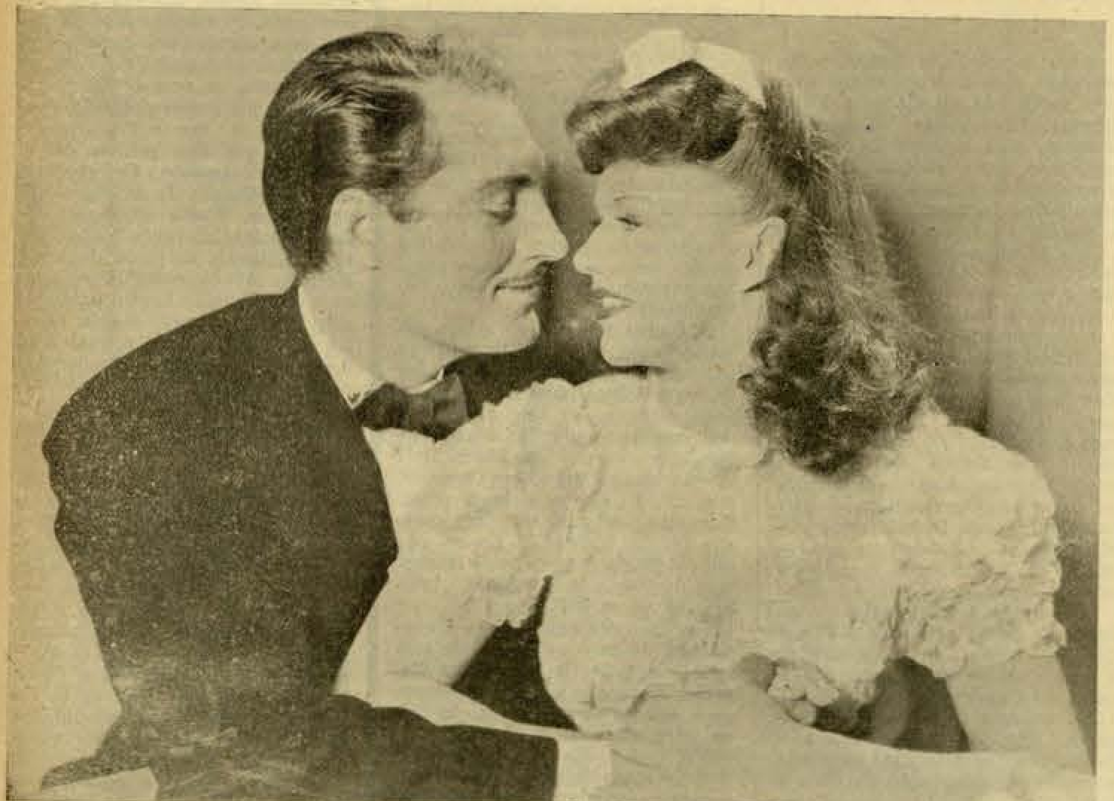


-mecido num vão de uma escada, António Villar, o caracterizador de e Leonor Maia a encantadora Tatão do 1.º filme da Produção An- das vedetas de «O PAI TIRANO» e... João Mendes, redactor de Maia. Por último, cançado pelo trabalho e ensonado, Arthur Duarte, Mas nem mesmo a dormir perdeu a sua habitual elegância e Vasco te mão), tirou-lhe a máquina e fotografou-o tal qual êle estava e -or pode apreciar.

CRÓNICA DOS ESTADOS UNIDOS

NOVA YORK CINEMATOGRÁFICA

Vista por **Bernardo Teixeira**, correspondente particular de **«Animatógrafo»**



Ginger Rogers e Alan Marshal contracenam em «Tom, Dick and Harry», que em português se chama «Os Amores de Joaninha» (título definitivo).

A rua 42, um dos pontos culminantes da psicologia new-yorkina, amálgama de espectáculos, movimento e tragédia, tem, vista através dos olhos tristes de um meridional, o aspecto confrangedor duma feira exageradamente iluminada, onde os loucos vieram para as portas anunciar em altos berros as pernas das coristas que se exibem pelo lado de dentro. E, enquanto os reclames, profusos de luz, do turbilhão de cinemas baratos nos abrem um apetite escandaloso de ir ver tôdas as películas ao mesmo tempo, a gente leva encontrões, pede desculpa, outros nos pedem a nós, alguns se esquecem também; atiram-se milhares de pontas de cigarro para o chão, onde há já muitos outros papelinhos, formando um todo pegajoso e sujo... Há uma multidão complexa de marujos, soldados, gente em mangas de camisa, negros, mulheres brancas e de côr, chineses, pessoas bem postas, num conjunto sem distinção e pouco associativo. A rua 42 é feia; não tem personalidade exterior; até os carros eléctricos envelhecidos e mal humorados convidam as pessoas de bom gôsto a ir habitar nas margens do Parque. No entanto, tem ela uma riqueza decorativa de tipos, de espécie de ambiente, que dá vontade de sacar um revólver — à americana — e transformá-lo num pincel e desenhar a torto e a direito pelos cartazes berrantes dos «shows», silhuetas negras em esgares diabólicos, atropelando-se, rindo, gritando, fazendo de conta que o inferno é ali cêrca... e, por debaixo, pôr-lhe esta legenda: «a rua dos números travêssos».

A volta de Valentino

Eu vou muitas vezes à rua 42. Meto-me num cinema contínuo, sem intervalos nem cantinas, sem «poses» nem senhoras de peles e «lorgnon», onde o povinho vai exclusivamente para ver a fita... e gostar — ainda não vi uma fitinha de que público desse mostras de desagrado; pensei até que se poderia fazer um «test» com algumas fitas muito nossas conhecidas...

Há umas semanas atrás, num delicioso e romântico «souvenir» deram-nos Rudolfo Valentino em «O Filho do Sheik» e «Águia Negra». Os «films», embora vistos agora, nada têm de ridículo; Valentino representa bem e impõe a sua beleza em todos os gestos; é correcto nas cenas dramáticas; se por vezes o seu cavalo corre depressa demais, a culpa não é dêle... é da fita que tem pedacinhos cortados. Emocionei-me durante o desfile das peripécias; entristeci-me bastante com as selvagerias que fizeram a Valentino e à rapariga; mas no fim fiquei satisfeitíssimo porque êles casaram e estiveram um quarto de hora a beijar-se. Ela não podia ser senão Vilma Banky.

Creio que tôda a gente gostou tanto como eu; ao meu lado havia uma rapariguinha bonita que chorava quando Valentino sofria.

Todo o bem que posso dizer de Valentino direi de mal do sr. Elmo Lincoln. Este senhor era um homem gordíssimo e baixote, possuidor de biceps de toiro e cabeça de hipopótamo. Foi o intérprete do primeiro «Tarzan». A fita, os intérpretes a realização, a seqüência, o detalhe, os planos, grandes e pequenos, azues, e amarelos, formam o conjunto mais monstruosamente ridículo que se pode imaginar. Donde se poderá concluir que o ridículo não é uma questão de época... mas sim uma questão de ridículo apenas.

Um filme notável

Times Square. Coração de Broadway; coração de Nova-York; centro do Mundo, dizem êles, mas nós não acreditamos. Tem a forma dum trapézio irregular, a fisionomia dum reclame luminoso, a personalidade dum «cocktail» e a volúpia dum parque de ninfas, com flores, árvores, grutas e lagos transformados em teatros, cinemas, «dancings» e «bars»... mas as ninfas ficaram ninfas. Entre a rua 42 e Times Square há a mesma relação geográfica que entre o Rossio e a Rua do Ouro, porém o seu espírito muda bastante. Times Square tem uma luz mais viva, mais internacional; não é feio de todo, não asfixia tão intensamente; vive, porém, na mesma côr de turbilhão... tanto poderia estar aqui como a muitos milhares de quilómetros.

O «Criterion» é um cinema ali mesmo, saiu agora do cartaz «The stars look down».

Extraído dum romance de Cronin, autor de «Cidadela», êste filme, tão sóbrio, poético e maravilhoso, assemelha-se muito a uma bela alegoria da Bíblia. A função espiritual do homem, qualquer que seja o plano onde habita, qualquer que seja o nível social onde vegeta ou vive, poderá sempre encaminhar-se para o Sublime. «As estrêlas olham para baixo», e muito para baixo... nas galerias escuras e profundas dessa mina de carvão, num canto qualquer de Inglaterra — mas o poema é de todos os sítios, de todos os tempos — há homens, mineiros enfarruscados, alguns crianças ainda, outros velhos já... A mina é frágil — como todo o resto mais na vida — e um dia entra nela a aluvião; a tragédia rebenta em golfadas pelas galerias que abatem; êsses homens enfarruscados, velhos alguns, crianças outros ainda, parecem formigas assustadíssas fugindo sem rumo, em ânsia de enganar o próprio destino que escolheram... talvez para poderem contar mais tarde a morte que viram ali ao pé. Enfim, bloqueados, armazenados num buraco de chão negro e sem saída, êles podem respirar o ar que ali está dentro e são senhores de todo o universo... para enviar o pensamento. Poucas cenas tenho visto dum equilíbrio dramático tão humano, duma «lógica» artística tão impressionante... Êles pensam muito, falam pouco e devem sofrer bastante... O sol deve andar lá por cima a sorrir aos que não desceram à mina. As picaretas que buscam o buraco onde êles vão morrer estão longe demais... no entanto, a gente espera que êles se salvem... porém, as estrêlas, ao olharem bem para baixo, verão que êles morreram todos já. Assim é, assim deve ser; a Arte quando intenta dar-nos uma imagem de humanidade não deve embebecer o pincel em côr de rosa se o motivo é escuro como a Dor. A Vida continuará lá em cima mais ou menos como dantes e os mineiros voltarão a descer à mina e talvez outras aluviões venham escrever outros dramas mais ou menos iguais.

A película, tôda ela, é natural, equilibrada, seqüente; tem a intenção didática bem vincada, até no diálogo, mas não ultrapassa um certo limite — diga-se — de modéstia. É profunda, sem ser extravagante; é talvez uma obra-prima, sem mostrar que teve a veleidade de querer sê-lo.

E, quando nas imagens derradeiras, a câmara se levanta para o céu buscando as estrêlas, a lua, o firmamento... há algumas núvens cinzentas que se metem de permeio; Deus, julgamos nós, está todavia mais alto e alegra-nos crer que as almas acanha-

(Continua na pág. 12)

«O PAI TIRANO»

ESTREIA-SE NO EDEN, NA SEXTA-FEIRA

Precisamente 75 dias após a primeira volta de manivela, estreia-se «O PAI TIRANO», o primeiro filme da Produção António Lopes Ribeiro. É um tempo «record» que apraz registar.

Na sexta-feira, dia normal das estreias no EDEN, estreia-se um filme português, sem récita de gala. Um filme que é o primeiro duma organização que veio estabelecer definitivamente a continuidade de filmes portugueses.

«O PAI TIRANO» é uma comédia que se destina a fazer rir o público saturado pelas inúmeras preocupações em que a situação internacional o traz.

«O PAI TIRANO» que é o primeiro filme da Prod. A. L. R. foi realizado por António Lopes Ribeiro que é o autor do argumento assim como dos diálogos com a colaboração de Vasco Santana e Ribeirinho.

Carlos Ribeiro foi o Chefe dos serviços de cena que cuidou ao máximo.

Fernando Garcia e Júlio Vicente Ribeiro respectivamente chefes dos Serviços de Estúdio e de Exteriores, César de Sá o operador, Roberto Araújo o arquitecto-decorador, Vieira de Sousa o montador, maestro Fernando de Carvalho o compositor musical e director de orquestra, Sousa Santos o operador de som, António Vilar o caracterizador, Francisco Duarte o construtor de cenários e Joaquim Santos, chefe electricista, foram óptimos elementos que deram todo o valor e conhecimentos à realização de «O PAI TIRANO». Há outros colaboradores que se não devem esquecer: Perdigão Queiroga e João Silva, assistentes do operador; C. A. Esteves, anotador; Silvino Vieira e Américo Leite Rosa, assistentes do arquitecto-decorador; Alberto Alves, cabeleireiro; Julieta Duque e Heloisa Mota, assistentes do montador; Mário Malveira, assistente do operador de som; Amilcar de Oliveira e outros que embora em lugares de menos categoria também com o seu trabalho permitiram a execução em tão curto espaço de tempo do 1.º filme produzido por António Lopes Ribeiro.

Além de tôdas estas pessoas, outras que não estando directamente ligadas à realização de «O PAI TIRANO» mas sendo funcionários da Prod. A. L. R. alguma coisa interferiram no 1.º filme: Augusto Soares, administrador; José Celestino Soares, secretário da Produção; João Mendes, publicista e João Sotéro Vieira.

Conforme já se tem informado, o elenco de «O PAI TIRANO» é composto quási exclusivamente por artistas de teatro. No entanto, há dois artistas cinematográficos e alguns estreantes.

Damos a seguir a distribuição completa:

José Santana	Vasco Santana
Francisco Mega	Ribeirinho
Tatão	Leonor Maia
Gracinha	Graça Maria
Teresa	Teresa Gomes
D. Cândida	Luiza Durão
D Emília	Emília de Oliveira
Laurinha	Laura Alves
Menina Amélia	Nelly Esteves
Idalina	Idalina de Oliveira
Noémia	Maria Celeste
As duas manas	Sofia Santos Regina Montenegro
A cozinheira	Maria Pinto
A freguesa	Júlia da Assunção
Outra freguesa	Jeannette Vallée
A mamã	Alice Rodrigues
Outra mamã	Zeca Fernandes
Artur de Castro	Artur Duarte
Lopes	Barroso Lopes
Machado	Armando Machado
Prata	Joaquim Prata
Seixas	Seixas Pereira
Pinto	Reginaldo Duarte
Ciriloff	Eliezer Kamenesky
O chefe da secção ...	Henrique de Albuquerque
1.º espectador	Pereira Saraiva
O galego	Carlos Barros
Um sub-chefe	Manuel Correia
Um freguês	Artur Rodrigues
Silva	Mário Fernandes
Um mudo	João Villaret

Êste elenco, dos mais notáveis que se tem constituído para filmes portugueses, interpreta a comédia «O PAI TIRANO», cuja estreia se efectua na próxima sexta-feira, no EDEN.



Uma fotografia de trabalho. O realizador Garson Kanin dá indicações a Ginger Rogers e a George Murphy para uma cena de «Os Amores de Joaninha»

NOTÍCIAS DA EUROPA

Itália

«I Promessi Sposi», obra prima da literatura italiana, está a ser realizada por Mario Camerini

Outras informações àcêrca do movimento cinematográfico italiano

Um dos filmes de maior responsabilidade que o cinema italiano tem abordado é sem dúvida a adaptação de «I Promessi Sposi» («Os Noivos»), a obra célebre de Alexandre Manzoni, escritor milanês do século passado. É que o romance de Manzoni é não só uma obra das mais representativas do património literário italiano, como ocupa um lugar de excepção na vida, na história e nos sentimentos do povo italiano.

É nele que se aprende a ler, é lá que nas escolas se faz o aperfeiçoamento da língua italiana.



Macario

Por isso só um grande nome poderia abalançar-se a tal cometimento. Daí ter Mario Camerini, uma das mais talentosas figuras do cinema de Itália, sido o escolhido para assumir a responsabilidade de transposição duma obra de tão grande envergadura.

Entre as numerosas personagens do romance uma há que sobressai extraordinàriamente. É a de Lucia Mondella, espécie de heroína nacional. Ela é ,no dizer de Jean Devau, o centro dum grande romance moral, histórico, religioso, que ela influencia, dirigindo o seu curso e o desfecho, sem pràticamente agir, a não ser pela sua presença. É em volta dela que decorre a luta gigantesca entre o bem e o mal, entre a fôrça e a razão e a da violência. Manzoni criou-a assim, humilde e pura, numa atitude de resignação evangélica, como que para afirmar bem que o mais alto destino da mulher é ser a serva do Senhor, «a serva da Providência divina, num mundo turvado pelas paixões».

Para o papel esmagador de Lucia houve a preocupação de escolher alguém que nunca tivesse aparecido na tela. Para isso foi criada pela casa produtora, a Lux-Film, uma brigada chefiada pelo grande fotógrafo Elio Luxardo, que percorreu as principais cidades italianas em busca da Lucia ideal. Ao fim de porfiados esforços e pesquisas, foi escolhida a intérprete julgada ideal — Dina Sassoli.

Entre os demais intérpretes de «I Promessi Sposi» estão Gino Servi (Renzo), Lauro Gazzolo (Ambrósio Fuzella), o grande actor Ruggero Ruggeri (Cardial Borromeo), Armando Falconi (Don Abbondro) a célebre Emma Gramatica (Agness) e Carlo Ninchi, Inês Cristina Zaconi, Franco Seandurra, etc.

Se o filme resultar, como tudo leva a crer, dada a categoria do realizador e os meios técnicos, artísticos e financeiros postos à sua disposição, «I Promessi Sposi» ficará sendo um dos clássicos do cinema italiano.

O triunvirato do Cinema

Em substituïção de Venzio Orazi, chamado a desempenhar outras funções, foi nomeado para assumir o elevado cargo de Director Geral para a Cinematografia Eitel Monaco, advogado, laureado em jurisprudência pela Universidade de Roma, conhecida figura de dirigente italiano do campo do espectáculo, e que durante muito tempo foi sub-director da Federação Industrial de Espectáculo Monaco, com Luigi Fredi, director da Enze Nazionale Industrie cinematografiche (Enic) e dos Estúdios de Cinecittá, e com Luigi Chiarini, crítico e ensaísta que exerce as funções de director do Centro Sperimentale di Cinematografia, ficam formando, assim, o triunvirato dirigente do Cinema italiano, sob a direcção Suprema do ministro da Cultura Popular, Alessandro Pavolini.

Macario, o cómico dos olhos de porcelana

O novo cinema italiano tem agora o seu primeiro grande cómico, Erurénio Macario, uma figura realmente pitoresca, com os seus vivíssimos olhos de porcelana e o seu característico e indispensável caracol, silhueta popularíssima e querida no seu país.

Macario, a quem chamam em Itália o «cómico anti-burguês» pela novidade, e até ousadia, da sua técnica de fazer rir, foi já o intérprete, na época passada, de dois filmes para o produtor Liborio Capitani «Il Pirata son Io!» e «Non me lo dire!».

Agora está êle interpretando para o mesmo produtor, nos estúdios de Turim a cidade-berço do cinema italiano, e sob a direcção do realizador Oreste Biancoli, o filme «Il Chiromante», cuja acção decorre num parque de atracções de que Macario é servente mas a que a fôrça das circunstâncias obrigam a fazer-se passar por adivinho, sucedendo-lhe, como se calcula, as mais estravagantes peripécias. A seu lado aparecem Luisella Beghi e o «boxeur» Enzo Fiermonte.

óperas na tela

Depois da «Tosca«, produzida pela Scalera e interpretada por Imperio Argentina, Rossano Brazzi, Michel Simon e Adriano Rimoldi; depois de «Barbeiro de Sevilha» da Atlas Filme, de Roma e do «Elixir do Amor», de Donizetti, dirigido pelo malogrado Amlet Palermi, e interpretado pela cantora Margherita Carosio, que há pouco interpretou em Espanha a figura duma cantora célebre — Adelina Patti — no filme «Sarazate», Armando Falconi, Robert Villa, Peria Renzi e Luigi Almirante, filmes estreados recentemente, estão neste momento em realização mais duas adaptações cinematográficas de óperas conhecidas.

Uma delas é «Il re si diverte» — que não é mais que o famoso «Rigoletto», cujo libreto é extraído, como se sabe, de «Le roi s'amuse» de Hugo — dirigido por Mario Bonnard e interpretado por Michel Simon numa bela ca-



Margherita Carosio

racterização em *Rigoletto*, Poale Barbara, na filha, Rossano Brazzi no *duque de Mântua*, Davis Duranti, Maria Mercader, Adele Caravaglia e Carlo Ninchi.

A outra é «A Sonambula», de Bellini, que para a Fert, de Turim Piero Ballerini dirige, e de que são intérpretes Germana Paoleri, Luisella Beghi, Roberto Villa no papel de Vicenzo Bellini, autor da ópera, Osvaldo Valentie e Carlo Tamberlani.

Isa Miranda, volta a Itália

Isa Miranda, a vedeta italiana que já trabalhou em França onde fez «A Piedosa Mentira de Nina Petrowna» e na América «Hotel Imperial» e «A Raínha dos Diamantes», voltou ao seu país, onde mantem o mesmo prestígio que o seu nome alcançou no estrangeiro. Em Itália, foi já a intérprete de «Senza Cielo», dirigido por Alfredo Guarini, onde tinha por parceiro Fosco Giachetti, o actor alemão Gustav Diessl, Andrea Checchi, Carlo Romano e o «boxeur» Primo Carnera, e agora está a interpretar, para a Scalera Film, uma nova película. Intitula-se «É Caduto una Donna», dirigida também por Guarini e interpretada por Rossano Brazzi, popular galã do cinema italiano, Tilde Mercandalli, Anita Farra, Olga Solbelli, Giulio Panicali, Claudio Gora e Luigi Pavese.

Neste filme, Isa Miranda abandona as artificiais figuras de «vamp» que a popularizaram para interpretar uma personagem de humana verdade.

França

Actualidades nos estúdios

- Para a Continental Films, de Paris o realizador Leo Johannon vai dirigir LE CAMION BLANC, com Jules Berry, sua mulher, a simpática Josseline Gael e a notável característica Marguerite Moreno.
- PRELUDE é como se intitula o filme que Edmond T. Gréville dirigirá, interpretado por René Lefèbvre, Marguerite Moreno, Janine Darcy, Gerard Landy e Edouard Delmont.
- Logo que o «scenario» de L'ARLESIENNE tenha sido modificado segundo as indicações de censura, Marc Allegret deve começar a realização daquele filme, extraído da obra imortal de Frederic Mistral. Gaby Morley será Rose-Mammaï, Micheline Presles, Vuette, e Louis Jourdan será Frederi. O papel de Balthezar foi confiado ao pujante talento de Raimu.

Espanha

Filmes em realização

- A Ufilmes, de Barcelona, vai produzir uma série de dez ou doze películas em duas partes que terão a particularidade de serem realizados por categorizados encenadores como José Lopez Rubio, Edgar Nevile, Claudio de la Torre, etc., os quais terão por intérpretes Miguel Ligero, a figura mais popular do cinema espanhol, Miguel de Mobina, Amalia de Isaura, Moruja Tomás e outros. Cada filme está orçado entre 80 e 100 mil pesetas.

- O jovem realizador Juan Lopez de Valcárcel vai dirigir nos estúdios de Barcelona para a Levante Filmes de Valência a película PIMENTILLA, de que serão intérpretes o par Josita Herman e Rafael Duran, protagonistas de *Muñequito* e *El Trice Mil*. O argumento é de Valderrama y Manent, sendo Berenguer o fotógrafo.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

Três companhias adaptam ao Cinema três peças de grande êxito na Broadway

Broadway impõe aos produtores da Costa do Pacífico, rendidos ante o êxito por êles alcançado, os seus produtos; fornece, por altíssimo preço, material para os estúdios ou dá-lhes possibilidades que no palco não seriam praticáveis.

De facto, nada menos de três peças de grande êxito em Nova York, daqueles êxitos que se traduzem por permanências de anos no cartaz e entrada de milhões na bilheteira, estão neste momento em produção nos estúdios de outras tantas companhias. É, por exemplo, o que a Universal tem em realização nos seus estúdios, com o filme arrevezado e incompreensível de «Hellzapoppin», que vai para três anos delicia os freqüentadores do Winter Garden, onde fazia semanas de 20 mil dólares, peça em que pontificam os cómicos Obsen e Johson, que são também os principais elementos do elenco da adaptação cinematográfica, em que aparecem ainda os nomes de Martha Raye, uma ingénua cómica de grande popularidade no lado de lá do Atlântico e que vimos já ao lado de Ray Milland e Dorothy Lamour em «Feitiço dos Trópicos», Jane Frazee, nova vedeta, o impagável Robert Paige e Lewis Howard, trabalhando sob a direcção de Henry C. Potter, tendo o filme fotografia de Elevood Bredell.

Vem depois a Metro Goldwyn Mayer com a sua «Panama Hattie» cujos direitos foram adquiridos pela soma enorme de cento e trinta e cinco mil dólares, o qual Norman Mc Leod está dirigindo e em que intervêm Ann Sothern, que em «Lady Be Good» acaba de alcançar um êxito absolutamente excepcional, George Murphy no papel dum sargento da marinha, os três cómicos Red Skelton, Rags Ragland e Ben Blue em três pitorescos marinheiros, a formosa Martha Hunt, o conhecido Alan Mowbray e Jackie Harner, uma garota de sete anos, que será no filme a filha de Murphy, ao que parede uma grande revelação; além de actriz ela é também uma pianista de valor, tendo pertencido à Los Angeles Junior Sinphony, uma orquestra de garotos, muito apreciada.

Cento e cinqüenta mil dólares — qualquer coisa como três mil e oitocentos contos! — custaram à Paramount os direitos cinematográficos do terceiro filme da série, que se chama «Louisiana Purchase», original do festejado Buddy De Sylva e de Morrie Resking, com música de Irving Berlin. O filme, feito em Technicolor, sob a direcção de Irving Cummings, tem a particularidade de, à excepção de Bob Hope, ser interpretado pelo grupo que re-



George Murphy

presentou a peça no teatro e de que fazem parte Victor Moore, considerado um dos três maiores cómicos do teatro americano, da actualidade, Vera Zorina, a popularíssima vedeta Irene Bordoni, que foi no início do sonoro intérprete do filme «Paris» que o Tivoli exibiu em 1931, Dona Drake, Mari Rosembloom, Andew Tombes, Donald Mac Bride, Frank Alberteon, Catherine Craig e Raymond Walburn. Harry Hallemberg e Ray Rennahan são os fotógrafos do filme.

ROSALIND RUSSEL, DON AMECHE e KAY FRANCIS num filme da M. G. M.

Rosalind Russel, a vedeta com preocupações de intelectual tão bem conhecida do nosso público e que há bem pouco terminou ao lado de Clark Gable o filme da Metro Goldwyn Mayer «They Met in Bombay» — «Encontraram-se em Bombaim», quando ambos, gatunos de alto conturno, perseguiam uma jóia famosa, armando-se mútuas ciladas na mira da conquista duma tal preciosidade — está a interpretar um novo filme para aquela companhia e que tem por título «The Female of the Species», que será o primeiro que W. S. Van Dyke II dirige depois de ter prestado, durante algum tempo, serviço como oficial de reserva da Marinha Americana.

Com Miss Russel trabalham dois artistas alheios ao «lot» de Culver City — Don Ameche, o popular artista da Fox, cedido para tal por esta companhia, e Kay Francis, a bela e elegante artista que está de novo, após um largo período de inactividade, em lugar destacante entre o pessoal artístico de Hollywood. John Carroll, que vimos como galã de «Os Marx no Far-West», aparece também.

Com êste filme, o último do seu actual contrato de cinco anos com a M. G. M. deve ser também o derradeiro em que aparecerá como vedeta exclusiva daquela emprêsa, pois Rosalind Russell, apesar de valiosas ofertas apresentadas pelos dirigentes daquela companhia retomará a sua liberdade, passando a ser uma artista independente, trabalhando independentemente para tôdas as companhias, desde que os papéis que lhe sejam propostos tenham a sua simpatia.

"Flashes"

● *Para o filme da Fox «The Great American Broadcast» foi feita a reconstituïção da primeira grande reportagem radiofónica, feita em 1920 por ocasião da eleição do Presidente Harling.*

James Cagney em «Captains of the clouds», da W. B.

Mais um filme de aviação a juntar à lista interminável — que quási vai chegando já ao exagêro — que os produtores têm, estão e vão empreender, pela certa.

Desta vez é James Cagney, que tem já no seu activo mais que um filme do género, o protagonista da nova produção em Tecnicolor que a Warner Bros. tem em realização e de que William Cagney, irmão do protagonista, é o produtor responsável e Michael Curtiz, o realizador. Intitula-se êsse filme «Captains of the Clouds» em que aparecem também, Dennis Morgan, que foi a grande paixão de Ginger Rogers em «Kitty, a Rapariga da Gola Branca», o veterano Alan Hale, Roland Drew, o cómico George Tobias, e alguns outros artistas de nomes poucos conhecidos como Russell Arms, Clem Bevans, Byron Barr, Richard French e Michael Arnes. Sol Polito, um nome categorizado e Wiefrid Cline são os operadores.

Não deixa de ser curioso referir que James Cagney no seu último filme há pouco estreado, que teve por título «The Bride Come C. O. D.» vivia também a figura dum aviador. Nesse filme, uma comédia ligeira, tinha por parceira, a grande Bette Davis num papel em que se evadia dos seus trabalhos habituais de características nìtidamente dramáticas para interpretar uma noiva indecisa e teimosa, ao mesmo tempo a quem Cagney acaba por aplicar uma sova mestra, de forma a conquistar-lhe definitivamente o coração...

COISAS INDISCRETAS

Os três amores de WALLACE BEERY

Os amores de Mickey Rooney-Linda Darnell, a reconciliação Myrna Loy-Arthur Hornblow, o recente casamento Constance Bennett-Gilbert Rolland, tudo isto não representa nada na crónica sentimental de Hollywood ao lado do complicado caso amoroso de Wallace Beery, «o bruto do coração de oiro», como pomposamente, certa publicidade já o mimoseou...

Casado em 1918 com Gloria Swanson, depressa Wallace dela se separou. Só em 1926 voltou a casar, desta vez com uma «não profissional», a sr. Rita Gilman. Tudo correu bem até o ano passado, em que Mrs. Rita pediu o divórcio, alegando «incompatibilidades de carácter», para uma semana depois de decretada a separação se casar com o sr. John Foyt. O novo casamento não é duradoiro, pois êste ano a nova Mrs. Foyt pede em Reno, no estado de Nevada, a anulação do casamento para, ao que afirmava, voltar a casar com Wallace Beery...

Entretanto Wallace não se mostra sentimentalmente inactivo, pois a breve trecho passa a ser visto com desusada preferência ao lado de Mrs. Loreen Robinson, uma bem parecida viúva de 45 anos, possuidora de dezóito milhões de dólares. É até ela quem usa agora o bracelete de identificação de Beery.

Tudo corria no melhor dos mundos.

Mas eis que há cêrca de três meses, e depois de longos anos de ausência da Califórnia, Gloria Swanson chega a Hollywood. Os seus quarenta e dois anos não a diminuiram. É ainda uma mulher bela, elegante, insinuante. E o que é certo — pois é êle próprio que o confessa — é que Wallace Beery, a cêrca de um quarto de século do seu divórcio com a ex-banhista de Mack Sennett, ficou de novo preso pelos novos encantos da sua ex-mulher. E, galantemente, não o esconde, afirmando que Gloria é «a wonderful woman», sublinhando que o melhor tempo de tôda a sua vida foi aquele que esteve casado com Gloria Swanson. Não há dúvida que anda ali paixão! E séria!

Quem vencerá? Rita Gilman? Loreen Robinson? Ou será Gloria Swanson, que, depois de ter sido casada também com Herbert Somborn, com o Marquês de La Falaise de la Coudraye e com Michael Farmer voltará a ser de novo a espôsa de Wallace Beery-

Alea Jacta est!

Crónica da América

(Cont. da página central)

das dos mineiros enfarruscados caminham para lá.

Bruscamente, ao abrir os olhos pasmados diante dos furiosos reclames luminosos de Times Square, eu senti uma vontade infantil de chorar e voltar para dentro ver a fita outra vez.

Ginger, rebuçado delicioso...

Esteve até agora no Radio City a Ginger Rogers jogando às escondidas com os seus três namorados em «Tom, Dick and Harry». É uma comédia, por vezes com bastante espírito, feita dentro dos moldes pitorescos que fazem rir as pessoas despreocupadas. Como novidade, para mim, apresenta o processo cinematográfico dos sonhos «previsionários» de Ginger, que são duma comicidade irresistível, e o sistema de sinos invisíveis cujo som, no momento de se beijar o namorado, acusa a temperatura exacta do afecto que se tem por êsse cavalheiro. Foi assim que a Ginger soube, quando prestes a casar com o milionário, terceiro escolhido, que o «seu homem» era o mecânico, segundo escolhido.

Aqui permito-me abrir um parêntesis e, com as mãos no fogo, jurar-lhes que nenhuma rapariga americana, jovem, bonita (como elas são quási todas) e que se prese, deixaria de casar com o milionário ainda que ouvisse o Inferno de Dante, pelos sinos de Mafra, ao beijar o mecânico.

Ginger cada vez se assemelha mais a um rebuçado delicioso. Quási como no tiroliro... «é bonita, representa bem e parece que tem...» verdadeira personalidade.

Esta fita, de certo modo, e julgo que involuntàriamente, reflete bastante o carácter da rapariga americana. O casamento que entre nós, europeus, é a finalidade natural, sequente, vagarosa, do facto de gostar de alguém, mas que... «llega cuando llega», aqui é o ponto de partida da hipótese de gostar de alguém. Tentarei fabricar um exemplo: a rapariga europeia, vendo um rapaz que lhe agrada, poderá pensar que seria feliz se êle gostasse dela... que a seguisse, que lhe falasse, mandasse flores, que dançasse com ela, que lhe dissese que ela era a primeira mulher a quem êle dizia essas coisas, etc... A rapariga americana vendo o tal mocinho que poderia agradar terá automàticamente êste pensamento: «If he gets a good job I should marry him» (1).

E a parte paradoxal do problema é que a rapariga americana não tem necessidade de buscar no casamento o refúgio ou arrumo da sua vida, porque em noventa por cento dos casos ela é independente pelo trabalho, ganhando perfeitamente o bastante para viver.

Veronika Lake, mulher fatal 1941

A nova estrêla da constelação de Hollywood é Miss Veronica Lake. Tive o prazer de conhecê-la numa «soirée» no «roof» do Waldorf Astória, em fins de Julho. Um amigo, jornalista sul americano, apresentou-ma. Miss Lake é bastante esguia, até magra; tem o perfil fatal duma Walkiria consumida por qualquer remorso; é bela, dentro duma certa esquisitice de linhas agudas; possui lindíssimos cabelos platinados que tombam direitos e fatais ao longo da sua carita mimosa; tem uma voz adorável; canta um pouco no estilo de Lucienne Boyer e Elvira Rios. Interpretou «I wanted wings», uma peliculazinha que eu vi. Trata-se duma fita sem particular interêsse, entre cadetes aviadores, aviões, etc...., com os inevitáveis heroísmos e abnegações pedidos em tais circunstâncias. É uma fita inteiramente banal onde há, entretanto, alguns exercícios curiosos e arriscados de aviação; a magrinha e doce Miss Veronica é a mulher fatal dos bravos cadetes, mas o realizador, com o sangue frio que caracteriza esta alta profissão, mata cruelmente Miss Lake para harmonizar os vivos.

«Out of the fog», Epopeia dos Humildes

Ida Lupino, considerada aqui como uma das primeiras artistas dramáticas da tela, tem uma criação admirável em «Out of the fog» — uma pequena epopeia de humildes e malvados na atmosfera abafada de Brooklyn, à borda das docas, na carícia tenebrosa do nevoeiro cinzento que poisa por ali sempre. E quem conhece Brooklyn, essa enorme, feia e pesada sub-cidade de Nova York, encontrará neste filme a pintura de muito o que o entristeceu andando por lá. «Out of the fog» é um poema de imagens reais, enquadradas dentro duma elevada concepção artística; tem intensidade psicológica notável; é de clareza perfeita, quer na seqüência do argumento, quer nas reacções íntimas das personagens; o diálogo tem detalhes curiosíssimos e absolutamente locais. John Garfield e Tomas Mitchell compõem duas figuras estupendas de realismo. Ida Lupino — perdõem-me esta declarada preferência — é de tal modo sedutora, ou melhor, de tal modo me seduz, que tive ganas de ir a Brooklyn procurar uma rapariguinha «complicada» e parecida com ela.

Este filme merecia mais longa referência, se esta crónica não fôsse já tão comprida como a légua da Póvoa.

Vi «Fantasia» pela 5.ª vez!

Cinco vezes fui até agora em penitência de Arte ver «Fantasia», essa maravilha maravilhosamente musicada por Stokowski, que se mantém em cena desde há muitos meses com um êxito incomparável.

Até à vista, e não se esqueçam de me enviar alguns pedacinhos do «Pai Tirano» logo que António Lopes Ribeiro o acabe.

Nova York, Setembro de 1941.

BERNARDO TEIXEIRA

(1) «Se êle tem um bom emprêgo, não me importaria de casar com êle».



LITO. DE PORTUGAL – LISBOA

FOTOGRAVURA NACIONAL

LEONOR MAIA

Ao comemorar a estreia de «O PAI TIRANO» resolveu «Animatógrafo» brindar os seus leitores, oferecendo-lhes esta separata a côres em que Leonor Maia, a encantadora estreante do 1.º filme da Produção António Lopes Ribeiro, surge com todo o seu encanto e beleza. Como informamos noutro local, «O PAI TIRANO» estreia-se no EDEN na próxima sexta-feira, 19.


A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....
Imprima movimento, acção, ritmo, aos vossos documentários fotográficos — e terá, assim, a «vida» tal qual ela decorre em cada instante. Um «Ciné Kodak Oito» tudo regista com facilidade, sem perda dum só pormenor. Milhares de pessoas em todo o Mundo têm já o seu «Ciné Kodak Oito» e estão obtendo os melhores resultados. Filmar constitue para elas uma das melhores diversões.
Não perca mais tempo. Adquira já o seu «Ciné Kodak Oito», filme os grandes momentos da vida, e, assim, revivê-la-á eternamente.
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

A FEIRA DAS FITAS

A «carroça fantasma»

(«La Charrete Fantôme»)

Há na história do Cinema uma dúzia de nomes de filmes que, pela sua projecção na época, pelo interêsse do tema, ou pelo significado especial dentro de qualquer sector, ficaram nomes inesquecíveis. Sempre que modernamente aparece outra versão do assunto, uma justificada curiosidade aguarda o novo trabalho, ciosa de verificar como a técnica enriquecida e a experiência dos cinematografistas resolveram as dificuldades da realização.

Satisfez-se, agora, a curiosidade com a apresentação da fita já anunciada desde o princípio do ano. E, feito o balanço, há que reconhecer que a versão francesa da «Carroça Fantasma» é uma fita de categoria, a considerar fora da série de filmes que correntemente se exibem.

É dentro dêste campo especial que se desenvolve a nossa apreciação. Assina esta «Carroça Fantasma», Duvivier, um dos melhores cineastas franceses. Pela riqueza da sua personalidade revelada em várias fitas, vigoroso em «La Bandera», lírico quando nos apresentava os «Contos dos Bosques de Viena», na «Grande Valsa», duma intensa e terna humanidade nas mais felizes cenas do seu «Poil de Carotte», Duvivier era realizador indicado para trabalho tão árduo como o desta «reposição». A sua «Carroça Fantasma» saíu desigual, portanto, com o defeito que têm tantas outras fitas suas. Tem seqüências muito boas como a da morte da Velha, como a síntese da bebedeira de David Holm, cenas boas como a fuga de Pierre Holm através da floresta e da saída do «Pére Eternel» do Albergue e outras mas... Mas o principal na «Carroça Fantasma» era exactamente resolver a dificuldade de apresentar aspecto lendário e de o ligar com o resto da acção. O tema misterioso tinha de surgir misturado com a acção «real». Já na primeira produção da «Carroça Fantasma» Sjostrom foi acusado por alguns críticos de se ter agarrado excessivamente ao processo da sobreposição para apresentar o irreal, e a sobreposição nunca poderia passar dum processo material incapaz portanto de resolver completamente o problema onde era mais preciso sugerir que «mostrar esfumado». Mas a sobreposição não estava tão banalizada em 1920 como em 1940. E, ainda, então o público não estava «endurecido» pelos efeitos cómicos que lhe apresentaram com a sobreposição. Em Sjostrom, a sobreposição convencia, embora se sentisse o «processo». Em Duvivier «Georges. le Charretier» é um parente, embora afastado, de «Topper». Além disso — e é quanto a nós o mais importante — Sjostrom, porque sentia com certeza melhor a obra de Selma, «preparava» a aparição da carroça «trabalhando» logo as cenas iniciais com uma encenação estranha que ligava bem. Duviver, que se manteve fiel ao livro na sua adaptação, trata no entanto as cenas iniciais, a conversa dos Mendigos debaixo da ponte, a casa de David Holm e a taberna com um ultrarealismo que transtorna a transição para as cenas do «Charretier», isto sem falarmos da encenação dalgumas seqüências que, mesmo separadas do conjunto, são fracas.

Na seqüência da morte da Velha, os planos da neve, a luz misteriosa com que são iluminados e os ângulos com que foram fotografados preparam bem o primeiro aparecimento da Carroça que, por ser discreto (mais à base de som do que de imagem) e por levar um bom preparatório convence satisfatoriamente. O critério já não foi seguido no fim e as imagens ao retardador deixa de ser um efeito bem achado para resultar cómico quando assistimos ao salto grotesco de Duvivier, já «Charretier de la Mort» no seu encontro com David Holm.

Mas a versão francesa da «Carroça Fantasma» é uma obra que justifica o interêsse e a análise crítica, motivo porque deve ser vista e pensada.

Aliás, Duviver estava rodeado dum bom grupo de colaboradores que dentro dos seus sectores produziram obra de mérito. Kruger que assina a fotografia e nos deu aquele bosque, aquela neve, a atmosfera cinzenta de inverno e a taberna, deu-nos alguns dos melhores momentos de fotografia desta época. Krauss, que tratou das decorações e arranjou a maquette inicial integrada perfeitamente no primeiro cenário (um caso de proporção muito bem resolvido) teve na perfeição com que arranjou os ambientes bom trabalho, sem culpa no excesso de realismo por não ser da sua responsabilidade.

Jacques Iber foi o autor do profundo acompanhamento musical, talvez o que está mais completamente certo em todo o filme.

Devemos assinalar as interpretações de Genin, perfeito na pequena rábula de «Père Eternel», Fresnay no «David Holm», Micheline Francey na «Soeur Edith» e Louis Jouvet que no «Charretier de la Mort» tem uma actuação segura apesar dos escolhos do trabalho que eram muitos e pouco evidentes. — F. G.

QUADRO DE HONRA

No filme exibido em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que nele merece atenção especial

«A CARROÇA FANTASMA» (Nacional Filmes)

— A partitura de JACQUES IBER.
— A fotografia de KRUGER.
— A interpretação de GENIN (Père Eternel)
— As interpretações de FRESNAY (David Holm), JOUVET (Georges) e de MICHELINE FRANCEY (Sœur Edith).
— As decorações de Krauss.

PANORÂMICA

(Conclusão da página 5)

regulamento do interessante certame organizado pelo Grémio Português de Fotografia é do seguinte teor:

1.º — A êste Salão só podem ser admitidos trabalhos de carácter verdadeiramente artístico e de boa execução técnica. As reproduções de quadros, desenhos e fotografias coloridas à mão não serão aceitas, bem como aquelas que já tenham figurado em Salões portugueses.

2.º — Cada expositor poderá apresentar um máximo de 4 provas, trazendo cada uma, no verso e de forma bem legível, o nome e enderêço exacto do Concorrente, título, número e processo positivo empregado. Do lado da imagem apenas é consentida a assinatura do autor.

3.º — Os formatos de imagem admitidos são todos os compreendidos entre um mínimo de 18 × 24 cm. e um máximo de 30 × 40 cm. A dimensão maior, com margens incluídas, não pode exceder 38 × 48 cm., *e as fotografias não devem vir, em* caso algum, *coladas ou montadas. Não serão aceitas as provas fora destas condições.*

4.º — Tôdas as provas admitidas ao Salão serão montadas em «caches» especiais — pertença do G. P. de F. — a-fim-de nêles serem expostas. Estas «montagens», em nada e sob qualquer aspecto podem prejudicar as fotografias.

5.º — O «direito de inscrição» é de Esc. 20$00, para todos os residentes no Império Português. Para os sócios do Grémio organizador, êste direito é de Esc. 10$00.

6.º — As expedições só devem ser feitas por encomenda postal registada, *ou por entrega, contra documento, na sede do G. P. de F.*

7.º — Tôda a correspondência e envios, devem ser endereçadas ao Grémio Português de Fotografia, *Largo do Chiado, 12,* 2.º, Lisboa *(Portugal), e a data limite para a recepção das «provas», dos «direitos de inscrição» e dos «boletins de adesão», está fixada, com todo o rigor, em* 15 de Novembro de 1941.

8.º — Um Júri de admissão fará a escôlha das fotografias que julgue dignas de figurarem neste Salão. As suas decisões serão inteiramente acatadas.

9.º — As provas admitidas serão expostas primeiramente em Lisboa (Novembro) e em seguida no Pôrto (Dezembro).

10.º — Nenhuma prova poderá ser retirada antes do fecho da Exposição.

11.º — A cada Concorrente admitido, será ofertado um «Diploma Artístico», mas todos indistintamente, admitidos ou não, receberão o catálogo ilustrado.

12.º — O G. P. de F. terá o maior cuidado com tôdas as provas recebidas, mas não aceita qualquer responsabilidade sôbre os riscos, de perca ou dano, a que as mesmas estão sujeitas por efeitos de transporte ou de exibição.

13.º — Tôdas as provas serão devolvidas, franco de porte dentro do mês de Janeiro de 1942.

14.º — Os casos não previstos neste regulamento serão resolvidos pelo G. P. de F.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1128 — DAVID GOMES CORREIA (*Braga*). — Considerar o cinema uma Arte, «embora em sétimo grau», como tu dizes, parece-me pejorativo e injusto para o próprio Cinema. Se lhe chamam a 7.ª Arte, não é porque seja sete vezes inferior à primeira, seis vezes à segunda ou três vezes à terceira... Mas sim porque apareceu depois de estabelecida a lista, digamos assim, das outras seis. Pela mesma razão, afinal, porque se chama à Aviação a 5.ª Arma... Esclarecido êste pormenor, resta dizer-te que as cartas para mim, devem ser enviadas directamente, isto para evitar demoras maiores do que as já existentes... — Deanna Durbin é canadiana, subdita, portanto, de Sua Graciosa Majestade, — O Director de «Animatógrafo» agradece-te as elogiosas e justas referências ao seu labor como cineasta e jornalista.

1129 — UMA PORTUGUESA QUE NÃO É TROCISTA. — Respondo a uma carta tua em que me fazes o teu retrato. Vejo que deves ser tal qual uma estrêla da tela! — Daremos em breve bons retratos de Margaret Sullavan e de Douglas Fairbanks Junior que tanto te interessam. — Quando vires a tua amiga Maria do Céu, dá-lhe saüdades minhas.

1130 — O NOIVO DE DEANNA DURBIN (*Lisboa*). — Cá ficas inscrito na lista dos meus consulentes. — Em respostas precedentes deverás ter lido as condições necessárias para poderes ser inscrito no «Clube do Animatógrafo». A máquina «pregou-te» partidas ortográficas: «ixemplares» por exemplares, «clubradores» por colaboradores e «imperssão» por impressão. Tens que ter cautela, com êsses deslises. De contrário, a Deanna não casa contigo...

1131—MR. MOTO (*Setúbal*)— *Duas Cidades*, produção de David O'Selznick, sôbre um romance de Dickens, é um filme notável. Tem a desvantagem de ser apresentado tardiamente. — Êste leitor gostaria de cartear-se com *I am the Queen*, *Duas Alentejanas íntimas*, *Pinnochia* e *Magda*.

1132 — MYRNA (*Vila Real de Santo António*). — Estou, interessadíssimo, a proceder às investigações para saber do paradeiro do desaparecido, mas devo dizer-te que tenho poucas esperanças. Com o valioso elemento que me deste, talvez localize o náufrago... A ver vamos. — A cena da Garbo, perante o chapéu que a encantara, é a cena mais deliciosamente feminina que o cinema nos deu até hoje. «Conheço a tortura e a doçura de três namoros», dizes tu. Calculo a tortura, porque o chapéu é mudo... — De tôdas as artistas que têm passado por Portugal, a Pola Negri é possìvelmente o caso mais curioso, e, porque não?, o mais doloroso! Mas a Lillian tinha também um interêsse muito especial. — A próxima, que seja próxima...

1133 — GALÃ PERDIDO (?) (*Évora*). — Não consegui perceber a última palavra do teu pseudónimo: *Perdido? Perdiz? Pérfido?* Seja como fôr, perdido por um, perdido por mil: *perdido*ficaste... — Escreve a Greta Garbo para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1134—CONDE NADO (*Coimbra*). — Já sabia pelo teu amigo *I love Shirley Temple* da existência do nosso cinefan. Espero que qualquer dia me enviem um para eu ler. — Transmiti a tua carta oportunamente — Sôbre *Pôrto de Abrigo* está tudo dito. Valerá a pena repetir? — O primeiro filme de Deanna que verás na época que vem intitular-se-á *Desfile da Primavera*. É o célebre *Spring Parade*. — Ignoro qual é o teu verdadeiro pseudónimo. *Conde Nado* ou *I like Deanna*, Dizes *I like Deanna*, com a mesma naturalidade com que a Josephine apregoava *I like bananes*...

1135 — GAROTA DE LISBOA (*Lisboa*). — Podes pedir à Administração do *Animatógrafo* os números da nossa revista, que faltam na tua colecção. A importância respectiva pode ser enviada em sêlos do correio. A morada é: Rua do Alecrim, 65. Lisboa. — canções: *Goodnight my love*, *J'attendrai*, *Violetta* e *A minha janela*.

1140 — APAIXONADO N.º 1 de DEANNA DURBIN (*Braga*). — Os cinéfilos bracarenses, pelo que me dizes, estão de parabens. Alguns dos melhores filmes da temporada foram exibidos na Cidade Augusta antes do Pôrto e de Lisboa. — Registo o agrado que te mereceu *Feitiço do Império* e transmitirei a Lopes Ribeiro as tuas elogiosas referências.

1141 — VALET DE CHAMBRE (*Lisboa*). — Ficas inscrito no número cada vez mais avultado dos meus consulentes. — Estou convencido de que Graça Maria, dentro do cinema português, não será uma estrêla relâmpago... O público nos dirá se são ou não ilusórias as esperanças que nela depositamos.

1142 — ZÉ FERNANDES (*Buçaco*). — Cá recebi a tua carta vinda lá das bandas da serra, da serra do Silêncio, da Tristeza e dos Poentes Nostálgicos. O Buçaco é lindo, por certo, mas triste! Só os noivos, «no engano de alma ledo e cego», não dão pela silenciosa tristura das encostas verdejantes. No fundo, Zé amigo, isto são os olhos duma pessoa para quem o mar é o mais belo e sedutor dos horizontes! — A tua dissertação sôbre a candidatura do «Senhor Grilo» é brilhante. Havemos de conversar, um dia, sôbre o assunto. — Registo o teu pedido de foto do novo ídolo Victor Mature: «Quero ver se êle usa ferraduras e cabeleira à balalaika». Nesta frase, de duas uma: ou há êrro de semântica ou então tiveste, com êle, alguma questão pessoal...

VAI PARA A PRAIA? PARA DEFESA DA SUA PELE NÃO ESQUEÇA O «CREME MIRITA».

Compreendo perfeitamente o estado de alma que me descreves, o tédio de certos dias, que nos parecem longos, monótonos e intermináveis. Quando estiveres aborrecida, fica combinado, apresentas-te na Redacção e ajudas a fazer o correio. Depois de olhar para a montanha das cartas, que aguardam a sua vez, de duas uma: ou nunca mais achas os dias longos, ou então ficas irremediàvelmente perdida...

1136 SR. GRILO & GEPPETO (*Lisboa*). — Vivam! — Podem escrever *em português* a tôdas as vedetas americanas. Mais: *devem* escrever na nossa língua!

1137 — POR QUEM BATES CORAÇÃO? (*Lisboa*). — Graça Maria recebeu oportunamente a tua carta. Para a conheceres pessoalmente, bastará ires ao Eden na noite da estreia de *O Pai Tirano*. — Ann Rutherford nasceu em Toronto, Canadá. Tem 21 anos. Escreve-lhe para a Metro Goldwyn Mayer Picture, Culver City, Califórnia.

1138 — MARIA HELENA (*Estoril*). — Esta leitora desejava possuir as letras das canções «The Palms of Paradise», do filme *Tufão*, e «Spring in My Heart» de *Primeiro Amor de Gata Borralheira*. Se alguém as quiser remeter, poderá fazê-lo, por meu intermédio.

1139 — ÁS DE COPAS (*Lisboa*). — A tua ideia de concurso não pode, pelo menos por agora, ser aproveitada. — Escreve em português a Lucille Ball, para RKO-Radio Pictures Studios, 738 Gower Street, Hollywood, Califórnia — Êste leitor gostaria de possuir as letras das seguintes

1143 — CARLOS RAINHO (*Barcelos*). — O melhor filme de Tommy Kelly é *Aventuras de Tom Sawyer*. — Escreve à Deanna Durbin para Universal Studios, Universal City. — Freddie Bartholomew não foi o protagonista de *Homens de Amanhã*. Como sabes, Spencer Tracy e Mickey Rooney foram os intérpretes principais daquela película.

1144 — GARY COOPER EM ERMEZINDE (*Pôrto*). — A tua carta para a Maria Domingas foi entregue oportunamente. — O casamento de Deanna é um facto consumado. Resigna-te, amigo!

1145 — ANDY HARDY (*Pôrto*). — Olívia de Haviland: Warner-First Studios, Burbank, Califórnia. Betty Grable: 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Olympe Bradna: Paramount Studios, Hollywood, Califórnia.

1146 — MICKEY ROONETE (*Aveiro*). — Respondo àquela carta que me escreveste do Pôrto, quando fôste ver *First Love*. Os rapazes como tu, que vão de Aveiro ao Pôrto só para ver um filme, mereciam ostentar pùblicamente o título de «cinéfilo verdadeiro». Que diferença entre Vv. e certos cretinos que vão para as salas menosprezando os grandes filmes, só para «deslumbrar»(?) os companheiros com a sua acuidade de críticos adulterados... — Transmito as tuas saudações a *Paixão Selvagem*, *Charles Botas em Aveiro* e *Princesa da Selva*.

1147 — LESLIE HOWARD (*Pôrto*). — És a primeira pessoa que me diz não ter gostado de *Sinfonia dos Trópicos*. — Quanto às tuas impressões sôbre *Pôrto de Abrigo*, estou de acôrdo! — *Leslie Howard* gostaria de corresponder-se com leitoras do Pôrto e cumprimenta *Rosa sem Espinhos* e *Sem Amor*.

1148 — ZULEIKO (*Aveiro*). —A exibição dos «Galitos», quando da sua vinda a Lisboa, deixou-me uma excelente impressão. De resto, foi a opinião geral! — Os filmes são traduzidos pelas listas de diálogos. As legendas são fundidas em chumbo e apostas, à maneira de carimbo, sôbre a película, no local respectivo. Por processos químicos, faz-se depois a descoloração das letras. — Em menos palavras, e «grosso modo», é difícil explicar-te melhor!... — Escreve à Ingrid Bergman para Metro Goldwyn Mayer Pictures, Culver City, Califórnia.

1149 — DEANNA DURBIN'S FAN (*Coimbra*). — *Intermezzo* foi realizado por Gregory Rotaff. — O filme *Tudo o vento levou* não virá a Portugal, na época que êste mês se inicia. — No decurso da temporada 1941-1942, verás *Spring Parade* e *Nice Girl?* — Obrigado pelas letras que remeteste.

1150 — DOIDO POR MÚSICA. — Os principais intérpretes de *A Fera Humana* (La Bête Humaine) foram Jean Gabin e Simone Simon. — Elsa Rumina abandonou o cinema. E foi pena, porque tinha reais qualidades para fazer carreira. — Escreve sempre, e não penses nas cartas que tenho para responder... Verás que o teu nome aparecerá com freqüência nesta secção.

1151 — ROBIN DOS BOSQUES II (*Espozende*). — Deverás adoptar outro pseudónimo, visto que o que adoptaste já tem dono. — Numa das respostas anteriores, encontrarás a morada da Deanna Durbin.

1152 — UMA GAIATA CINÉFILA. — Quanto a mim, o filme português com mais linda música é a *Canção da Terra*. No entanto, a *Severa*, *Bocage* e *João Ratão* tiveram lindíssimas canções. — Tyrone Power, Richard Green e Robert Stack são excelentes galãs. Mas Robert Taylor é um artista de merecimento!

Bel-Tenebroso

PERGUNTAS DE ALGIBEIRA

(Soluções)

1 — Florence Vidor.
2 — No Japão.
3 — Nat Pendletton.

GREER GARSON E ANN SOTHERN





Greer Garson e Ann Sothern estão no galarim — e por isso lhes dedicamos esta página. A magnífica intérprete do «Adeus, Mister Chips!» e do «Orgulho e Preconceito» acaba de obter o maior triunfo da sua carreira no filme colorido «Blossoms in the dust», no qual personifica uma mulher do Texas, Edna Gladney, que se notabilizou pela sua extraordinária obra de protecção à infância desválida. Edna Gladney ainda vive — tal como Alvin C. York, cujas proezas na outra guerra são o tema do filme de Gary Cooper «Sargento York», de que «Animatógrafo» se ocupou no último número. A criação de Greer Garson é de tal ordem que Wolfe Kaufman, o seguríssimo crítico da «Modern Screen», afirmou que decerto lhe valerá o prémio da Academia de Hollywood dêste ano, para a melhor interpretação feminina. Convém acrescentar que Kaufman fez o ano passado idêntico prognóstico a respeito da interpretação de Ginger Rogers na «Kitty Foyle»...

Quanto a Ann Sothern, a sua actuação em «Lady Be Good» foi uma autêntica revelação. Todos os outros intérpretes, e nomeadamente Eleanor Powell, Robert Young e Lionel Barrymore, ficaram apagados pelo desempenho da pessoalíssima criadora de «Maisie». Segundo a crítica americana, Ann Sothern não tem comparação possível com qualquer outra artista da tela, depois dêste seu trabalho em que canta espantosamente e representa com um estilo diferente das suas anteriores interpretações.

É natural que na próxima época o público português possa apreciar estas criações sensacionais das duas talentosas actrizes.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



ALICE FAYE, da Fox-Filmes, enviou-nos, pelo «Clipper», esta fotografia, que foi tirada durante a filmagem de «The straight left»

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE A CÔRES: LEONOR MAIA